



Representações de gênero e raça no audiovisual goiano

Clarissa B. Carvalho* (IC), Conceição de Maria F. Silva (Ceíça Ferreira) (PQ)

clarissacrvlh@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás (UEG) Goiânia – Laranjeiras: R. Prof. Alfredo de Castro, 9175 – Parque das Laranjeiras, Goiânia – GO, 74855 – 130.

Resumo: Tendo em vista a importância dos meios de comunicação e do cinema na construção das identidades; e também a predominância de um modelo estético branco na cinematografia nacional, o presente trabalho busca, a partir da análise do filme *Viúva negra* (Vanessa Goveia, 2017), investigar as representações das questões de gênero e raça no audiovisual goiano. Parte-se da hipótese de que novas narrativas audiovisuais locais podem indicar possíveis deslocamentos nas formas de visibilidade historicamente associadas à população negra, e às mulheres negras em especial. Para alcançar tais objetivos, utilizamos como referencial teórico-metodológico os estudos de Hall (2006), Stam e Shohat (2006), e também Araújo (2008) e Soares (2009) para a realização da pesquisa bibliográfica e da análise descritiva do filme, compreendendo a importância de problematizar as imagens e os valores veiculados pelo cinema, quanto à intersecção de gênero e raça.

Palavras – chave: Audiovisual goiano. Representações. Mulheres Negras.

Introdução

No contexto da globalização, que segundo Hall (2006) é marcado por intensos intercâmbios e deslocamentos de hábitos, culturas e a até grupos étnicos inteiros, ou seja, abrange intensas negociações, é que os meios de comunicação e o cinema tem um papel fundamental, já que atuam na construção de quadros referenciais por meio de imagens e sons, que podem ser transmitidos via sinais de rádio e TV, ou projetados em salas de cinema, a partir dos quais são veiculados valores e visões de mundo.

Dessa forma, os processos de pertencimento cultural são mediados pelos meios de comunicação e o cinema, assim como são estabelecidos nessas esferas as hierarquias que existem nas relações sociais, ou seja, os diferentes modos de demarcar espaços para cada grupo representado, haja vista que enquanto alguns indivíduos podem usufruir de posições de poder, outros estão sujeitos a uma condição de subalternidade, como por exemplo a população negra no cinema e na mídia brasileira, como aponta Araújo (2008).

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

A escolha dos galãs, dos protagonistas, celebra modelos ideais de beleza européia, em que, quanto mais nórdicos os traços físicos, mais alto ficará o ator ou atriz na escolha do elenco. Os mesmos também receberão as melhores notas nos processos de escolha e premiação dos mais bonitos do ano pelas revistas que fazem a crônica cotidiana do mundo das celebridades. No lado contrário, os atores de origem negra e indígena serão escalados para representar os estereótipos da feiúra, da subalternidade e da inferioridade racial e social, de acordo com a intensidade de suas marcas físicas, seu formato de rosto, suas nuances cromáticas de pele e textura de cabelo, portanto de acordo com o seu grau de mestiçagem (ARAÚJO, 2008, p. 883)

Também considerando a posição central que as representações midiáticas ocupam nas sociedades contemporâneas, visto que afetam diariamente a autoestima e o reconhecimento social dos grupos representados, é que Freire Filho (2005) destaca sua importância como mediadoras da imagem que grupos marginalizados fazem de si mesmos e dos outros, tanto em sua esfera pública, quanto privada, e como tais imagens, conteúdos e narrativas forjam a aceitação do *status quo*. Porém, o autor demonstra ainda que a atuação de realizadores/as integrantes de grupos sub-representados pode subverter essas distorções e criar novas formas de visibilidade.

Considerando tal aspecto, é que este trabalho busca, a partir da análise descritiva do filme *Viúva negra*, dirigido por uma realizadora negra, Vanessa Goveia, em 2017, investigar as representações de gênero e raça no audiovisual goiano.

Material e Métodos

Metodologicamente, amparamo-nos na pesquisa bibliográfica, que articula as contribuições dos estudos culturais, com autoras/es que discutem o papel central do cinema na construção das identidades (Stuart Hall, João Freire Filho), bem como na veiculação de regimes de visibilidade que se ancoram num modelo estético branco/eurocêntrico (Robert Stam e Ella Shohat); também pesquisas que problematizam a representação da população negra na mídia e no cinema brasileiro (Joel Zito Araújo, Diony Soares) e levantamentos recentes sobre gênero e raça no cinema brasileiro.



Resultados e Discussão

Com base em dados da Agência Nacional do Cinema (ANCINE) sobre os filmes de maior bilheteria, a pesquisa “A cara do cinema nacional: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012)” (CANDIDO et al., 2014), desenvolvida pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) do IESP-UERJ em 2014, debruça-se sobre o que está nas telas do cinema e também atrás das câmeras, abordando as representações e também o perfil de quem ocupa as funções de roteirista e diretor/a na criação das produções nacionais no período de uma década.

O conceito de gênero é utilizado, em tal estudo, tentando compreender como o feminino e o masculino são construções sociais, não como referência ao sexo biológico, e a cor dos profissionais é identificada através do procedimento de heteroidentificação racial, no qual a cor é aferida pelos pesquisadores integrantes do projeto, com base nas categorias de classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A partir desses parâmetros a pesquisa demonstra ainda que 97% dos diretores têm cor branca, 1% de cor amarela e somente 2% cor preta ou parda, tal assimetria racial acentua-se ainda mais quando se articula o fator gênero a cor, pois verifica-se que nenhum filme foi dirigido ou roteirizado por uma mulher negra.

Panorama semelhante também foi constatado em um estudo recente da ANCINE, publicado em janeiro de 2018, que considerou os 142 longas-metragens lançados comercialmente em salas brasileiras de exibição no ano de 2016. Deste total, 75,4% foram dirigidos por homens brancos, 19,7% por mulheres brancas e 2,1% por homens negros – e novamente, nenhuma mulher negra atuou nas funções de roteirista ou diretora (ANCINE, 2018).

Apesar desse cenário desolador na produção de longas tem-se desenvolvido nas últimas décadas, especialmente no cinema de curta-metragem, outras iniciativas dentro das produções locais de cada Estado. Um exemplo disso é a produção de

REALIZAÇÃO



realizadores goianos, na qual se insere a jovem diretora Vanessa Goveia, que em 2017 lançou o curta *Viúva Negra*. Tal diretora é egressa do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e ao falar sobre o filme em entrevista ao jornal *O Popular*, ela ressalta que

[...] é uma produção que fala sobre o olhar feminino negro e, sobretudo, na forma de se colocar e expor as relações sociais e emocionais em relação a representatividade. O negro, quase sempre, é visto como o empregado, o garçom, o caricato, o personagem de humor ou o bandido. Sempre atrás do foco (FERREIRA, 2017, s/p).

Essa iniciativa de Vanessa e também de outros jovens diretores negros, como Raphael Gustavo da Silva e Tothi Cardoso¹ (também egressos da UEG) destaca a importância de se criar novas formas de visibilidade para pessoas negras, o que reitera a dimensão política do cinema e do audiovisual como sistemas de representação, que reproduzem as relações de poder existentes na sociedade brasileira (HALL, 2006; CARVALHO, 2005). Exemplo disso, é que tal produção audiovisual foi contemplada no edital “Curta Afirmativo 2014: Protagonismo de Cineastas Afro-Brasileiros na Produção Audiovisual Nacional”, que tinha como objetivo apoiar a produção de obras nacionais inéditas dirigidas por jovens negras/os².

Com base nas contribuições de Robert Stam e Ella Shohat (2006) sobre como analisar as representações cinematográficas de um grupo social, e com o objetivo de identificar elementos que possam caracterizar uma abordagem das questões de gênero e raça, apresenta-se a seguir uma breve análise descritiva do filme *Viúva Negra*, por meio da qual busca-se responder as seguintes perguntas: como as questões de gênero e raça são abordadas? Como essa obra se relaciona com a identidade da realizadora?

O curta *Viúva Negra* destaca a protagonista Olívia (interpretada pela atriz

¹ Os três filmes *Viúva Negra*, *A Câmera de João* e *A piscina de Caíque*, dirigidos respectivamente por Vanessa Goveia, Tothi Cardoso e Raphael Gustavo da Silva foram lançados no dia 07 de maio de 2017 na *Mostra Filmes de Preto*, evento realizado no Cine Cultura, em Goiânia. Mais informações sobre essa mostra, ver Carvalho e Ferreira (2017).

² Esse edital foi criado em 2012 pela a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura em parceria com a Secretaria de Políticas de Ações Afirmativas da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR) e oferecia premiação de até R\$ 80 mil para a realização de cada uma das dez obras audiovisuais de curta-metragem contempladas, que poderiam ser de temática livre, ficção ou documentário (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2015).

Débora Carolyne), uma mulher jovem, sensual e misteriosa, que faz jus ao título de “Viúva Negra”³, termo que no imaginário popular é usado para designar mulheres que matam seus parceiros. As cenas iniciais são de um jantar romântico com Miguel (Adreane Lima) e em sua fala, ela evidencia o sentimento especial que tem por ele, o que a faz hesitar em sua ação. O corte para um conjunto de imagens que passam em ritmo acelerado e mostram Olívia se maquiando, fotos de homens, objetos como uma câmera fotográfica, uma tesoura e uma cama constroem o pano de fundo para o título do filme e também apresentam a protagonista.

Na primeira sequência do filme, Olívia está caminhando em sentido contrário a quatro rapazes, e um deles comenta “Essa daí tem cara de que engole tudo”. A câmera agora posicionada em posição frontal à personagem feminina com os rapazes em segundo plano mostra que ela não se intimida e volta encarando o mais saidinho, interpela-o dizendo “quer conferir?” e pergunta ao outro se ele tem uma caneta, com a qual escreve seu telefone no pescoço do rapaz e afirmando “Não vai perder, tá?”, deixando-o desconcertado (Figura 1).

Figura 1 – Postura ativa de Olívia



Fonte: Filme *Viúva Negra* (Vanessa Goveia, 2017).

Logo, observa-se a postura ativa de Olívia ao interpelar o rapaz, saindo de

³ O nome viúva negra também é dado em geral às aranhas fêmeas do gênero *Latrodectus*, que matam os machos da espécie após o acasalamento.



sua condição objetificada pelo comentário da personagem. São usados planos mais fechados, nos quais o protagonismo de Olívia é enfatizado, principalmente no momento em que ela pega-o pelo colarinho e anota seu número de telefone em seu pescoço. O rapaz perde sua condição de agente principal, sendo condicionado as vontades da personagem feminina. Na cena final desse trecho tem-se um plano geral, no qual as características sonoras confirmam tais aspectos, pois os comentários do grupo de rapazes são contrapostos à Olívia que continua sua caminhada, pontuando assim seu domínio e segurança.

Fazendo um vai e vem, a narrativa estrutura o jantar acima mencionado com outras situações, como as aventuras que ela vivencia com vários homens em diversos lugares. Ela novamente hesita, tenta resistir às investidas de Miguel, mas enfim se rende. A relação sexual é mostrada em vários ângulos e posições de câmera, que evidenciam o prazer da protagonista. No dia seguinte, Olívia tira uma foto de Miguel e coloca junto às demais no mural, e assim ele passa a integrar seu álbum de figurinhas. Afirmando “eu não queria que você tivesse amanhecido aqui” ela o mata com uma apunhalada nas costas e com uma expressão sádica, encara a câmera (Figura 2). Corta para os créditos, que novamente tem como pano de fundo a sensualidade de Olívia se maquiando e depois caminhando sozinha à noite (são enquadradas suas pernas em uma saia bem decotada) e as imagens do mural com fotos de homens que a câmera percorre constituem a cena final do curta.

Figura 2 – Olívia mata Miguel e encara quem assiste



Fonte: Filme *Viúva Negra* (Vanessa Goveia, 2017).

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



A postura firme e consciente dessa protagonista feminina negra no domínio da sua sexualidade durante toda a narrativa é enfatizada nessa cena, na qual ela olha para a câmera. Isso nos oferece elementos para pensar as questões de gênero e raça, pois a vivência plena da sexualidade é ainda um privilégio masculino, o que remete à desigualdade de gênero, já que aos homens são permitidas (e estimuladas) as aventuras sociais e sexuais; e com relação à representação historicamente associada às mulheres negras (SILVA, 2016), essa personagem, que embora se relacione com o estereótipo da mulata quanto ao forte apelo erótico/sexual (SOARES, 2009), aponta enquanto protagonista, elementos que complexificam o lugar de mero objeto sexual.

Dessa forma, essa pesquisa apresenta como resultado a constatação da relevância de estudar o cruzamento de gênero e raça no cinema, pensando as representações e também os agentes responsáveis por sua construção; e assim está em consonância com as discussões que estão sendo desenvolvidas atualmente tanto no meio acadêmico, quanto em órgãos de fomento ao cinema, conforme mencionado. A visibilidade alcançada pelo curta *Viúva negra* também confirma isso, já que o filme tem suscitado discussões em mostras e outros espaços de exibição, como por exemplo na 1ª Mostra de Cinema Feministas de Quinta; e no debate do Cineclube Teresa de Benguela, ambos realizados em Vitória/ES, respectivamente em junho de 2017 e março de 2018.

Considerações Finais

Historicamente as mulheres negras são colocadas, em virtude de uma visão estereotipada sobre sua sexualidade, numa condição de objeto (no cotidiano e nas representações). Porém, com a protagonista Olívia é possível observar uma tentativa inversa, de lhe conferir protagonismo na construção narrativa e na imagem fílmica, exatamente por ser dona do seu corpo e do seu desejo, o que também pode ser uma forma de delimitar essa personagem feminina negra, já que não sabemos nada

REALIZAÇÃO



mais sobre ela.

Tendo em vista a complexidade dessa personagem que articula gênero e raça, devemos observar as possibilidades de subversão que podem se configurar atrás das telas, com mulheres negras na posição de diretoras; e também dentro das narrativas fílmicas com as estratégias de subversão das atrizes, na medida em que dão vida as personagens.

Dessa maneira, pode-se considerar que, ao criar uma protagonista negra (aspecto ainda pouco comum no cinema brasileiro), o filme *Viúva Negra* traz não apenas uma nova representação sobre o cruzamento de gênero e raça, mas apresenta as especificidades e contradições que constituem a experiência histórica das mulheres negras.

Referências

ANCINE. ***Estudo sobre Diversidade de Gênero e Raça no Mercado Audiovisual***. Ministério da Cultura, 25 de janeiro de 2018.

ARAÚJO, Joel Zito. *O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira*. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 979, 2008.

CANDIDO, Marcia R. et al. A cara do cinema nacional: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012). **Textos para Discussão GEMAA**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-24, 2014.

CARVALHO, Clarissa; FERREIRA, Ceíça. A mostra *Filmes de Preto* e o protagonismo negro no audiovisual goiano. In: SEJA- Gênero e Sexualidade no Audiovisual, 2, 2017, Goiânia. **Anais eletrônicos...**Goiânia, 2017. p.50-63.

CARVALHO, Noel. Esboço para uma História do Negro no Cinema Brasileiro. In: DE, Jefferson. **Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005. p. 17-101.

FERREIRA, Clenon. **Movimento Filmes de Preto discute protagonismo negro no audiovisual**. *Jornal O Popular*. 12 de agosto de 2017.

FREIRE FILHO, João. *Força de expressão: construção, consumo e contestação das*

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



V Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



representações midiáticas das minorias. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n.28, dez. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Edital nº 05 - Curta afirmativo 2014**: protagonismo de cineastas afro-brasileiros na produção audiovisual nacional. 12 de novembro de 2014.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Estereótipo, realismo e luta por representação. In: _____. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosacnaify, p. 261-312, 2006.

SILVA, Conceição de Maria Ferreira. **Mulheres negras e (in)visibilidade**: imaginários sobre a intersecção de raça e gênero no cinema brasileiro (1999-2009). 2016. 297 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016, cap.1, p.24-43.

SOARES, Diony M. Refletindo sobre a representação de mulheres negras brasileiras a partir de fragmentos das trajetórias de três atrizes pioneiras: Ruth de Souza, Léa Garcia, Taís Araújo. In: REUNIÓN DE ANTROPOLOGÍA DEL MERCOSUL (RAM), 8., 2009, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires, 2009. p. 1-15. v. 1.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás